

045 5636

Conferencia dos Países da Europa Ocidental Para a Anistia aos Presos e Exilados Politicos de Portugal

(EM ORGANIZAÇÃO)

EDGAR RODRIGUES

JOSE DIAS COELHO
(1923-1961)



«LÍRICA» (desenho crédito) →

mi Coelho
195.

DELEGAÇÃO DOS PORTUGUESES EXILADOS NO BRASIL

BOLETIM N.º 9 MARÇO DE 1962



Liberdade! Anistia!

França

Primeiro foi a Conferência Pró-Anistia aos Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal, realizada em São Paulo, no ano de 1960, sob a presidência do grande democrata e escritor, embaixador Alvaro Lins.

Depois, em Montevidéu, no ano seguinte, prosseguiu, em ritmo cada vez mais acelerado, esse magnífico movimento de solidariedade humana. A Conferência de Parlamentares em Santiago do Chile, também em 1961, e a Semana Continental de Solidariedade aos Presos Políticos da Espanha e Portugal, foram mais duas importantes iniciativas cujo êxito nunca será demasiado enaltecer.

A Conferência de Paris, nesse mesmo ano, em prol da Anistia aos Presos Políticos da Espanha, não esqueceu os patriotas portugueses presos ou exilados, vítimas do terror da PIDE de Salazar. Em Oslo, ainda em 1961, o problema foi também debatido, e um texto apoiando a iniciativa de realização de uma Conferência da Europa Ocidental em favor da Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal recebeu valiosas adesões.

Hoje, é com júbilo que o nosso jornal, neste Boletim divulga os nomes de algumas das centenas de personalidades da Europa Ocidental que ergueram a voz em defesa dos patriotas portugueses encarcerados ou no exílio, subscrevendo o seguinte documento:

DECLARAÇÃO

Há já trinta e cinco anos que subsiste em Portugal um regime que faz condenar pelos tribunais seus adversários políticos de qualquer tendência, que os mantém longo tempo (frequentemente, dez, quinze, vinte anos), em prisões onde são submetidos a um regime desumano. As condenações são prolongadas por meio de penas complementares, ditas "medidas de segurança", penas essas que são aplicadas por indicação da polícia política. Muitos dos melhores valores portugueses da ciência e da arte são forçados a exilarem-se.

Tendo em conta essa situação, numerosas personalidades da Europa e da América subscreveram declarações recomendando a realização na Europa Ocidental de uma conferência para a anistia aos presos e exilados políticos portugueses.

De acordo com essas iniciativas, no objetivo de contribuir para a anistia de todos os presos e exilados políticos portugueses, nós propomos que se realize uma "Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses", que poderia ter lugar na primavera de 1962.

Pierre ABRAHAM — Diretor da revista EUROPE
Arthur ADAMOV — Dramaturgo
Louis ALVERGNAT — Secretário da Confederação das Famílias
J. Azeau (AZEAU) — Professor do Liceu
Abee BOULIER
Maurice BOUVIER-AJAM — Economista, Diretor do Instituto de Direito Aplicado
Y. BOUYNOT — Professor do Liceu
R. BOITEL — Professor
Jean CASSOU — Escritor, Crítico de Artes, Conservador no Museu Nacional de Arte Moderna
Marcel CHAMBOUX — Professor do Liceu
Jacques CHATAGNER — Agrégé, Professor
Pierre COT — Professor Universitário, Antigo Ministro
CRAIPEAU, Yvon — Professor, Dirigente do P.S.U. (Partido Socialista Unificado)
R. Dupéron (DUPERON) — "Maitre de Conférences" da Faculdade de Ciências de Poitiers
Eugène DECAMPS — Secretário Geral da C.F.T.C. (Confédération Française des Travailleurs Chrétiens)
J. M. DOMENACH — Diretor da revista ESPRIT (revista católica)
A. DUVAL — Professor do Liceu
ESPERET, Gérard — Vice-presidente da C.F.T.C.
René-Georges ETIENNE — Advogado
Yves CHOLIERE — Do Conselho Mundial da Paz, Viena
Pierre Camarra (CAMARRA) — Da revista EUROPE, escritor
Claude GATIGNON — Secretário Geral da F.M.J.D. (Federação Mundial da Juventude Democrática)
Gonzales de GASPARD — Advogado
GIOVONI — Professor do Liceu, Antigo deputado
Raymond GUYOT — Senador
André HAURIU — Catedrático da Faculdade de Direito, Sorbonne
Charles HERNU — Dirigente do P.S.U., Antigo deputado
P. Herold (HEROLD) — Diretor da A.A.N.C.
C. Kraemer-RAINE — Advogado
Jacques Kayser (KAYSER) — Jornalista
Marc JACQUET — Advogado
André JEANSON — Vice-presidente da C.F.T.C.
Claude JULIEN — Jornalista no "MONDE"
Vicent LABEYRIE — "Maitre de Conférences" da Faculdade de Ciências de Poitiers
Marcelle LABEYRIE — Professora dos Liceus
General LE GORGUILLE — Do Comitê de Honra do Socorro Popular Francês
LE LEAP, Alain — Secretário da C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho)
Jacques MADAULE — Escritor
Louis MARTIN-CHAUFIER — Diretor-adjunto do Colégio Científico da Universidade de Tours
J. C. MANCINI — Advogado
Daniek MAYER — Antigo Ministro, Presidente da Liga Francesa dos Direitos do Homem
Jean-Jacques MAYOUX — Catedrático da Faculdade de Letras, Sorbone
Georges MONTARON — Diretor do hebdomadário "TE" IOIGNAGE CHRÉTIEN
Almirante MOULIEC — Antigo Chefe do Estado Maior das Forças Navais da França Livre
Jean MARILLIER — Da Federação Sindical Mundial
Joe NORDMANN — Da Associação Internacional de Juristas, advogado
Etienne NOUVEAU — Advogado
General Petit (PETIT)
PIGNON — Pintor
E. PALLARES — Professor do Liceu Descartes (Tours)
Jacques REBERSAT — Professor "agrégé" de espanhol
RONGEUT — Professor do Liceu
ROUSSEL — Professor do Liceu
SAINT-SAENS — Pintor
Raymond SARRSUTE — Advogado
Laurent SCWARTZ — Matemático, professor na Sorbone
C. SELIGMANN — Diretor do jornal "APRÈS-DEMAIN" da Liga dos Direitos do Homem
SICARD DE PLAUZOLLES — Presidente de Honra da Liga dos direitos do Homem
Georges SFFERT — Dos "CAHIERS DE LA RÉPUBLIQUE", jornalista

André SOUQUIERE — Do Movimento da Paz, Paris
 Roger SUPPERVIELLE — Advogado
 Henri TORRES — Advogado
 General Paul THUBERT — Antigo deputado de Argel
 Rev. Pastor VERNEUIL
 Charles VIDRAC — Escritor
 Rev. Pastor VOGÉ
 e as senhoras de:
 ADAMOV
 Solange BOUVIER-AJAM — Advogada
 Madeleine BRAUN — Diretora das Edições Sociais
 Eugénia Cotton (COTTON) — Presidente da Federação Democrática Mundial das Mulheres
 Colette KAHN — Secretária Geral da Federação Internacional dos Direitos do Homem
 Hélène PARMELIN — Escritora
 Yves FARGE

Italia

Michelangelo ANTONIONI — Cineasta
 Aldo AJELLO — Dirigente estudantil da AGI — Associação Independente e da UNURI — União Nacional Univ. Italiana
 Giulio Claudio ARGAN — Crítico de arte
 Margherita BARNABEL — Do Comitê Central do Partido Social Democrata Italiano
 Mauro BELLABARBA — Vice-Presidente do Centro Universitário Democrata Cristão
 Luciano BENADUSI — Delegado Nacional das Juventudes Democratas Cristãs
 Francisco BERLANDA — Arquiteto
 Erasmo BOIARDI — Publicista
 Arrigo BOLDRINI — Medalha de ouro, presidente da ANPI — Associação Nacional dos Partisans Italianos
 Mario BONATTI — Dirigente da U.G.I. — Associação Laica de Estudantes e da UNURI — em Milão
 Paolo BORINGHERI — Editor
 Rodolfo BRANCALI — Dirigente Nacional do Movimento Estudantil Democrata Cristão
 Siro BRONDONI — Dirigente Nacional da INTESA — Associação dos Universitários Católicos — e da UNURI
 Nicola BRUNI — Presidente do Centro Universitário Democrata Cristão
 Ignazio BUTTITA — Poeta
 Enrico CARCANO — Dirigente da INTEGA em Milão
 Vittorio CALEF — Director de "Il Punto"
 Italo CALVINO — Escritor
 Giacinto CARDONA — Publicista
 Sandro CECCAGNOLI — Jornalista de "Italiamondo"
 Tommaso CHIARETTI — Jornalista
 Bartolo CICCARDINI — Publicista
 Tristano CODIGNOLA — Deputado
 Nino Criscenti — Jornalista de "Italiamondo"
 Piero DALLAMANO — Jornalista
 Francesco D'ANGELO — Jornalista de "Italiamondo"
 Pompeo DE ANGELIS — Publicista, democrata cristão
 Ernesto DE MARTINO — Escritor
 Celso DE STEFANIS — Director de "Algeria"
 Emo EGOLI — Sindicalista
 Giulio EINAUDI — Editor
 Giuseppe FAVATI — Secretário de redação da revista "Il Ponte" (Florença)
 Franco FLOREANINI — Co-director de "Nuova Presenza"
 Carlo FUSCAGNI — Director do "Italiomondo"
 Marcello GENTILI — Advogado
 Bianca GUIDETTI SERRA — Advogada
 Roberto LERICI — Editor
 Carlo LEVI — Escritor
 Girolamo LI CAUSI — Vice-Presidente da Câmara dos Deputados
 Emilio LOPANE — Advogado, do Partido Radical
 J. LUSSU — Jornalista
 Lucio LUZZATTO — Deputado socialista
 Franco NATIOLLI — Director de "Per l'Azione"
 Rodolfo MECHINI — Publicista
 Murilo MENDES — Poeta
 Ricardo MINUTI — Jornalista
 Alberto MORAVIA — Escritor

Carlo MUSCETTA — Escritor
 Carlo MUSSA-IVALDI — Professor universitário
 Alessandro MATTÀ — Deputado
 Fausto NITTI — Vice-Presidente da ANPI
 Agostino NOVELLA — Secretário Geral da CGIL — Confederação Geral dos Trabalhadores Italianos
 Achille OCCHETTO — Director de "Nuova Generazione" — o maior semanário juvenil de Itália
 Giuliano PAJETTA — Deputado
 Giancarlo PERONE — Movimento juvenil da Democracia Cristã
 Elio PETRI — Cineasta
 Ugo PIRRO — Escritor
 Ricardo PERETTI GRIVA — Primeiro Presidente Honorário do Supremo Tribunal
 Luigi PICCINATO — Arquiteto
 Massimo PRADELLA — Músico, director de orquestra
 Vasco PRATOLINI — Escritor
 Dario PUCCINI — Crítico Literário
 Arrigo REPETTO — Publicista
 Pier Luigi SAGONA — Jornalista
 Ferdinando SANTI — Secretário geral adjunto da CGIL
 Francesco SCOTTI — Senador
 Guido SEBORGÀ — Escritor
 Rino SERRI — Secretário do FGCI
 Mario SOCRATE — Escritor
 Anna TOMASINI — Assistente Social
 Giorgio TOMASINI — Sociólogo
 Antonello TROMBADORI — Director de "Il Contemporaneo"
 Corrado TUMIATI — Co-director de "Il Ponte"
 Giuseppe UNGARETTI — Poeta
 Maurizio VALENZI — Senador
 Emilio VEDOVA — Pintor
 Gianni GIOVANNONI — Redator de bi-mensário democrata cristão "POLÍTICA" de Florença
 Giorgio GIOVANNONI — Redator chefe do bi-mensário democrata cristão "POLÍTICA" de Florença
 Remo GIANNELLI — Director do serviço de imprensa "STAMPA" de Florença
 Franco SPIECCHI — Vice-Presidente da UNURI
 Ernesto TRECANNI — Pintor
 Vello SPANO — Senador
 Ivaldo VERCELLI — Professor da Universidade de Torino
 Renzo VESPIGNANI — Pintor
 Giancarlo VIGORELLI — Secretário Geral da Comissão Europeia dos Escritores e Director de "Europa Literária"
 Monica VITTI — Atriz
 Paolo VITORELLI — Publicista
 Bruno WIDMAR — Director de "Il Protagonista"
 Valério ZURLINI — Cineasta
 Giorgio VERONESI — Sindicalista
 Carmen ZANTI

Grã-Bretanha

Jennie LEE — Deputada trabalhista
 Fenner BROCKWA — Deputado trabalhista
 John STONEHOUSE — Deputado trabalhista
 Sir Julian HUXLEY — Biólogo
 Henry MOORE — Escultor
 Canon COLLINS — Da Igreja Anglicana
 Rev. Michael SCOTT
 Rev. Donal SOPER — Metodista
 Alan SILLITOE — Escritor
 Hugh MAC DIARMID — Poeta escocês
 Sir Allen LANE — Editor dos "Penguin Books"
 J. M. CAMERON — Catedrático de Filosofia, Universidade de Leeds
 Basil DAVIDSON — Jornalista e escritor
 Johnny DANKWORTH — Chefe de orquestra de jazz
 Cleo LAINE — Cantora
 Doris LESSING — Escritora
 William PAYNIER — Secretário Geral do Sindicato dos Mineiros
 Prof. J. D. BERNAL — Físico
 Comandante FOX-PITT
 Mr. e Mrs. Ronald SEARLE

Declaração de Oslo

Foi na capital da Noruega, que, em 1961, personalidades de diversos países subscreveram um documento de apoio à Conferência de Paris, a realizar-se proximamente, o qual, pouco depois, se transformou, pelo número de adesões, na arrancada definitiva para a realização da Conferência proposta.

Relembramos, pois, os nomes daquelas personalidades:

SUÉCIA:

SONIA BRANTING — Escritora
SVENTE FOERESTER — Escritor
AXEL JANAS — Editor da "Grafisk Revy"

GRÁ-BRETANHA

G. N. MOON — Da Associação dos Agricultores
J. A. HARLEY — Da União dos Gráficos
JOAN W. TOCHER — Engenheiro
P. ABRAMS — Professor da Universidade de Cambridge
CLIVE JENKINS — Secretário Geral das Trade-Unions
H. C. JEWERS — Estivador
BETTY SINCLAIR — Secretária das Trade-Unions da Irlanda
STANLEY BOULTON — Farmacêutico
JOE NORMAN — Metalúrgico
B. BIRNBERG — Escritor

ITÁLIA

BIANCA GUIDETTI SERRA — Advogada
SERGIO ROISSO — Comerciante
BOIARDI ERASMO — Estudante universitário
GIANA DE MICHELIS — Estudante universitário
ACHILLE OULETTO — Estudante universitário
EMILIO LOPANE — Rep. do Partido Radical Italiano
LUGO PORRO — Escritor
VALERIO ZUSLINI — Cineasta
UGO PIRRO — Jornalista

REPUBLICA FEDERAL ALEMÃ:

MICHEL KARNER — Comerciante
KARL SAUER — Escritor
Prof. MARIA KLARA FASSBINDER — Professora universitária
SIEGFRIED EINSTEIN — Escritor

SUISSA:

ERNST LINGGI — Antiquário e livreiro, e outros.

PAGINA 4

Comunicado da Associação Internacional de Juristas Democratas

A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE JURISTAS DEMOCRATAS, distribuiu à imprensa, em Bruxelas, o seguinte documento, datado de 8 de fevereiro de 1962:

COMUNICADO SOBRE A CONVOCAÇÃO DE UMA "CONFERENCIA PRO-ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS PORTUGUESES":

As violações extremamente graves das liberdades públicas e individuais e do direito de defesa, em Portugal, desde há muitos anos vêm sendo denunciadas pela Associação Internacional de Juristas Democratas.

A instrução e o julgamento de processos por motivos políticos dão azo, naquele país, a constantes atentados contra os direitos universais do homem. É sabido que o expediente das chamadas medidas "de segurança" permite prolongar indefinidamente, a critério da policia politica, o tempo da detenção.

Um inquerito feito, em data recente, em Portugal, por um representante desta Associação Internacional de Juristas Democratas, advogado Gonzalez de Gaspard, do forum de Paris, leva-nos a concluir que os presos politicos sofrem as piores sevicias, fisicas e morais. Os advogados vêm-se frequentemente impossibilitados de exercer suas funções, chegando até a serem presos e maltratados por haverem, simplesmente, cumprido seu dever de defensores.

O numero de prisões de democratas portugueses aumentou ultimamente, e o pintor e escultor José Antonio Dias Coelho foi assassinado pela policia politica.

Essa situação fez com que um certo numero de personalidades tomasse a iniciativa de convocar uma CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PRO-ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS PORTUGUESES, realizavel na primavera proxima.

O Secretariado da ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE JURISTAS DEMOCRATAS dá sua plena adesão aquela iniciativa e convida os juristas de todos os países a associarem-se à campanha a favor da anistia aos presos e exilados politicos portugueses, comunicando suas adesões ao COMITE DE INICIATIVA DA CONFERENCIA (77, Rue d'Aboukir, Paris II).



Desenho de Picasso para a conferência de Paris para a Anistia em Espanha (1961)



Não clamareis em vão!

Continuamos a publicação das cartas de mulheres portuguesas revelando a maneira bestial como a PIDE trata suas vítimas:

Queridas Amigas:

Tenho 38 anos. Desde os 17 que a minha vida tem estado estreitamente ligada à de todos os homens e mulheres que no meu país lutam por uma vida melhor. Para rugir à perseguição que a polícia de Salazar desencadeia contra os homens e mulheres que lutam em defesa dos direitos do povo explorado e oprimido, nomeadamente contra os comunistas, e para continuar aquela justa e necessária luta, fui obrigada a viver dez anos na clandestinidade, afastada de toda a família.

Fui presa a 15 de Outubro de 1959, após uma movimentada perseguição nas ruas de Lisboa. Ameaçada e insultada, primeiro na polícia e mais tarde no tribunal onde fui julgada após um ano de detenção, fui condenada à longa pena de 8 anos de prisão e "medidas de segurança" por tempo indeterminado, o que significa praticamente a prisão perpétua, condenação esta que é a maior até hoje aplicada no meu país pelo regime de Salazar a uma mulher, julgada pelo grande "crime" de amar a Pátria e lutar pela sua libertação. O juiz ainda classificou esta condenação de "benevolente" afirmando mentirosamente que no meu país eu seria simplesmente condenada à morte. Um júri a mando do governo e da polícia, sem qualquer espécie de independência nem consciência humana, condenou-me *sem qualquer prova* por um crime que não cometi — tentar

derrubar o atual governo por métodos violentos e inconstitucionais, pretendendo justificar esta injusta condenação com o facto de eu ser membro da Direção do Partido Comunista Português como se isso fosse um crime em qualquer país que não seja um país onde o fascismo mais feroz impera.

Só na véspera me foi permitido trocar algumas palavras com o meu advogado na sede da polícia, pois na cadeia tal não foi possível dadas as condições impostas para falar com os advogados: no parlatório com a presença de guarda. No tribunal fui impedida de falar e de me defender sob o pretexto de estar a fazer propaganda política. Isto apesar de acusação que me foi feita ser de carácter político, conforme sublinhei então. As minhas testemunhas e o meu advogado, Dr. Manuel da Palma Carlos, foram igualmente impedidos de falar e ameaçados, como eu, de irem para o calabouço caso insistissem em falar. Mesmo assim, porém, nem com este ambiente de intimidação foi possível à polícia nem ao tribunal provar a acusação que me era feita e na base da qual fui condenada. As únicas duas testemunhas de acusação — dois agentes da PIDE —, que eu nunca vi e que afirmaram conhecer-me, nada acrescentaram que pudesse levar o tribunal a tal decisão pois todas as suas afirmações não foram provadas, não passaram de mentiras. E' assim que se julgam no meu país os patriotas. Estes são os tribunais que há anos têm aplicado centenas de anos de condenações e que, inclusive processaram os réus dum processo político por estes, em tribunal, prestarem homenagem com um minuto de silêncio a dois patriotas mortos nos antros da PIDE em consequência de torturas.

Com o desrespeito de todas as leis fascistas que fixam em 48 horas o prazo máximo de incomunicabilidade, estive 20 dias absolutamente

incomunicável e dois meses isolada sem jornais, livros, revistas, papel ou lápis. As visitas no período de isolamento após os 20 dias de incomunicabilidade eram de 15 minutos por semana num parlatório desumano onde é extremamente doloroso o convívio para os presos e famílias, separadas por uma rede, um corredor e um vidro e na presença dum agente da polícia política (PIDE).

Ao longo destes dezenove meses de prisão, os meus dias foram passados 24 horas ou 23 horas e meia numa cela debaixo de terra como todas as celas do Forte de Caxias que é subterrâneo, razão porque aqui a humidade é constante (o que muito tem contribuído para o agravamento de uma doença reumática de que soufr. Durante todo este período, apenas duas vezes pude estar uma hora junto de minha família e com ela conversar mais de perto. Daqui para o futuro, porém, nem sequer voltarei a ter mais essa escassa e reduzida possibilidade de aproximação com os meus, pois foram-nos arbitrariamente e violentamente retiradas as três visitas em comum por ano; nos dias festivos do Natal, Ano Novo e Páscoa.

É nestas condições desumanas e extremamente dolorosas que decorre o meu convívio com meu filho de sete anos que necessariamente terá de se ressentir de toda esta situação, como se ressentem os filhos dos patriotas em situação idêntica à minha. Não são porém estas e outras torturas como castigo constantes, injustos e injustificados, ameaças e intimidações, que abalarão o meu ânimo e a minha vontade inabalável de ajudar a pôr-lhes fim de uma vez para sempre. A ferros, a maior tortura para um patriota é a impossibilidade de dar a sua contribuição à justa causa do Povo. Esta a maior tortura que eu também soufro neste momento.

a) Maria Aida Nogueira

Saudação da UDP ao Comitê Italiano

A Unidade Democrática Portuguesa, enviou ao Comitê Italiano de Apoio à Conferência da Europa Ocidental em Prol da Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Portugal, a mensagem que a seguir transcrevemos:

Ao
Comitê Italiano de Apoio à Conferência da Europa Ocidental em Prol da Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Portugal.

Fomos informados, pelo Prof. Ruy Luís Gomes da cerimónia de instalação em Itália do Comitê Italiano de Apoio à Conferência da Europa Ocidental, da qual participaram altas figuras da luta anti-fascista na Itália.

Foi com grande júbilo que esta notícia foi recebida pela U.D.P., organização que no Brasil, congrega elementos de todas as correntes políticas que lutam contra a ditadura que há 35 anos sufoca o Povo Português.

O vosso exemplo de dedicação a uma causa tão justa e o sabermos que temos como companheiros de luta personalidades que tanto se vêm distinguido na vida política do vosso País, é para nós incomensurável incentivo na nossa luta que só poderá terminar com a restauração das liberdades democráticas em Portugal.

Profundamente gratos pela vossa iniciativa, que cumpriremos, estamos certos, todos os seus objetivos, apresentamos as nossas mais expressivas

Saudações Democráticas.
Pela Comissão Executiva da U.D.P.
Carlos Valente da Cruz



Cartaz da Conferência de Paris para a Anistia em Espanha (1961)

“Quando os Lobos Julgam,,

LISBOA (Janeiro), 14 — No Plenário Criminal que funciona na Boa Hora, sob a presidência do desembargador Silva Caldeira, terminou ontem à tarde, com a leitura da sentença, o julgamento de quatro operários vidreiros, da Marinha Grande, acusados de atividade subversiva na fábrica onde trabalhavam. De manhã iniciaram-se os debates, tomando parte neles, além do Ministério Público, o defensor officioso, sr. dr. Aguiinaldo Monteiro Duarte. Foram condenas: Vitor Manuel Roque e João dos Santos, cada um, em dois anos e dois meses de prisão maior; António Moita Lino, em dois anos e um mês de prisão maior, os três com medidas de segurança de internamento por períodos prorrogáveis de seis meses a três anos, perda de direitos políticos por quinze anos e 1.000\$00 de imposto de justiça; e Albertino da Silva, em vinte meses de prisão correcional, perda de direitos políticos por cinco anos e 1.000\$00 de imposto de justiça.



A PIDE ameaça exterminar patriotas angolanos capturados

O jornal “Unidade Angolana”, órgão do M.P.L.A. (Movimento Popular para Libertação de Angola) em sua edição comemorativa do primeiro aniversário da Revolução Angolana publicou esta nota que dispensa quaisquer comentários:

CONSTITUI AFRONTA À HUMANIDADE

Nas celas húmidas das cadeias. Nos campos de concentração de Angola, submetidos às maiores torturas, acham-se alguns milhares de angolanos. Na sua maioria, são inocentes a quem a vesga PIDE atribuiu não sabemos que “teríveis” compromissos políticos.

A nossa luta não se limita apenas às tarefas diplomáticas e de combate em todos os campos ao colonialismo português. Dedicá-se igualmente a remover “céu e terra” a fim de obter a libertação de todos os angolanos detidos, entre os quais se conta uma grande maioria de nossos militantes.

No momento particular em que se assinala a passagem do 1.º Aniversário da Revolução Angolana insistimos de novo perante a consciência universal representada pelas instituições de justiça e de combate pela salvaguarda dos direi-

tos humanos para que levem mais longe os esforços já por si desenvolvidos relativamente à situação dos nossos presos.

Tem de terminar a afronta espantosa de vermos serem condenados por um governo estrangeiro e verdadeiramente criminoso aqueles que, líderes de um povo ou nacionalistas convictos, defensores todos dos mais nobres ideais e dos mais sagrados fundamentos da convivência entre os homens, no respeito, na justiça, na igualdade e na fraternidade, merecem o alto apreço de toda a HUMANIDADE.

Cabe aqui referir os nomes de alguns desses detidos. São uma gota de água no Oceano, visto que o segredo em que se efetuam as prisões e as transferências dos presos para locais de onde dificilmente regressam, impede que se conheçam os nomes dos mártires angolanos.

Dr. Agostinho Neto, médico, poeta, Presidente Honorário do MPLA; Ilídio Tomé Alves Machado, funcionário público (CTT); Dr. Joaquim Pinto de Andrade, chanceler da Arquidiocese de Luanda; Mendes das Neves, cônego; Nobre F. Pereira Dias, professor; André Mingas Junior, funcionário público; André Franco de Sousa, contabilista; António Pedro Bengé, funcionário de Saúde; Contreiras da Costa, electricista; Amadeu Amorim electricista; Blarmino Van-Dunem, funcionário de Saúde; Agostinho Mendes de Carvalho, enfermeiro; Antceto Vieira Dias, empregado bancário; Domingos Van-Dunem, funcionário público e jornalista; Jaime de Araujo, funcionário público (Economia); Tomás Jorge, poeta, funcionário da Saúde; Antonio Cardoso, poeta, funcionário bancário; Antonio Jacinto, poeta, proprietário; Eduardo Anapaz, telegrafista; Francisco Pereira Africano, empregado do comércio; Gabriel Leitão Pereira, empregado do comércio; Higinio Aires, empregado do comércio; Manuel dos Santos Junior, electricista; Noé da Silva Saúde, estudante; Miguel de Oliveira Fernandes, funcionário de Banco; Mario Campos, oculista; Luís Rafael, tipografo; Antonio Marques Monteiro, funcionário de Banco; Helder Guilherme Ferreira Neto, jornalista; José Luciano Vieira Meireles, contabilista; Carlos Alberto Pereira Van-Dunem, mecânico; José Manuel Lisboa, mecânico; João Lopes Teixeira, mecânico; Garcia Lourenço Contreiras, enfermeiro; Florêncio Gamaliel Gaspar, enfermeiro; José Diogo Ventura, enfermeiro; Adão Domingos Martins, enfermeiro; João Fialho da Costa, enfermeiro; Manuel Bernardo de Sousa, enfermeiro; Fernando Pascoal da Costa, proprietário; Joaquim Figueiredo, funcionário dos Correios; Sebastião Gaspar Domingos, proprietário; Manuel Batista de Sousa, tipografo; Pascoal Gomes de Carvalho Junior, funcionário da Saúde; Armando Ferreira da Conceição Junior, funcionário do Consulado; Luís Bessa, funcionário dos Correios; Mario Lopes Guerra, funcionário de Economia, contista e artista plastico; Manuel César Correia, agricultor; João Maria Napoleão, contabilista; Humberto Fernandes da Costa; Sebastião Lemos da Silva; Teixeira da Silva; João Pedro de Andrade; Francisco Miranda Pimentel; Jorge Miranda Pimentel; Domingos Lourenço Cadete; Domingos Luís Serafim; Pascoal Pedro Gama; Pascoal André Felix Macuéria; João Gonçalves da Gama; Martins Sebastião Diogo; Santos Lopes; Inacio Francisco de Carvalho; Pedro Adão Cristovão; Domingos Agostinho; Sebastião da Silva Pinto, Guilherme da Silva Feijó; João Paulo; Antonio Arnaldo; Gaspar Mateus; Tomás Adão da Silva; Baptista Barreiro; Diogo Domingos Vaz Contreiras; Bento Prata; Ferreira, marinho; Alfredo Araújo Furtado de Antas, funcionário aposentado, 64 anos; A. Carlos Gamboa, marceneiro; César Pedro, alfaiate; Francisco Adolfo João Pedro, estudante; João Fialho; Joaquim Gamboa, agente comercial; Pedro Trindade, mecânico electricista dos C.T.T.; Padre Martinho Campos; Padre Alfredo Osorio; Vieira do Espirito Santo, funcionário público; Carlos Manuel Bernardo funcionário.



Entrevista a imprensa durante a II Conferência pró Anistia, em Montevideo. Vemos da esquerda para a direita os srs. drs. Vitor Ramos, Rui Luis Gomes e Adolfo Casais Monteiro da delegação dos portugueses residentes no Brasil e José da Costa Lopes da delegação dos portugueses residentes na Venezuela.



Trabalho preparatorio da Conferencia para a Anistia aos Presos e Exilados Politicos Portugueses

Em Paris, na sede da Comissão Coordenadora da próxima Conferencia da Europa Ocidental pro-Anistia aos Presos e Exilados Politicos de Portugal, já estão, sendo tomadas numerosas providencias para que os trabalhos da delegação sejam facilitados ao maximo.

Assim é que, assinados por M. Guillard, numerosos convites foram enviados a diversas personalidades para associarem-se às multiplas tarefas relacionadas com a Conferencia, pro-Anistia em Portugal, em nome daquele Comité, do qual fazem parte:

Fernando ECHEVARRIA, poeta
José ESCADA, pintor de arte

Ruy Luis GOMES, matemático. Antigo candidato à Presidencia da Republica Portuguesa. Antigo Professor da Universidade do Porto. Professor da Universidade do Recife (Brasil).

Emidio GUERREIRO, professor do liceu em Paris. Tenente das F.F.I. Antigo professor da Universidade do Porto.

Julio INACIO, antigo dirigente sindical.

Antonio José SARAIVA, historiador, Doutor em Letras. Antigo professor da Universidade de Lisboa. Assistente de Investigação no C.N.R.S.

Castro SOROMENHO, escritor

Maria Carolina TITO DE MORAIS, médica.

Manuel VALADARES, físico, antigo professor da Universidade de Lisboa. Diretor do Laboratório do C.N.R.S. em Orsay.

Magalhães VILHENA, antigo professor da filosofia da Universidade de Coimbra. Doutor em Letras. Assistente de Investigação do C.N.R.S.

Essas tarefas foram amplamente debatidas, na reunião de 21 de fevereiro passado, e o entusiasmo dos participantes foi um belo prenuncio do êxito que coroará, sem duvida, a Conferencia.

Adesão da U.D.P. à Conferencia de Paris

AOS PROMOTORES DA 1.ª CONFERENCIA EUROPEIA EM PROL DA ANISTIA DOS PRÊSOS E EXILADOS POLÍTICOS PORTUGUESES

Todos os meses, por vezes todas as semanas, iamos tomando conhecimento das adesões à promoção da 1.ª Conferencia Europeia em prol da anistia dos prêsos e exilados politicos portugueses.

Franceses, belgas, ingleses, alemães, holandeses, italianos, luxemburgueses, suecos; artistas, dirigentes partidários, escritores, trabalhadores, parlamentares foram levantando a sua voz em favor da anistia dos nossos prêsos politicos e em favor da realização da 1.ª Conferencia Europeia em que essa anistia será oficialmente exigida.

Em muitos países europeus encontram-se já constituídos comités nacionais dedicados à preparação da conferencia e não temos hoje, por isso, nenhuma dúvida de que esta se realizará o mais brevemente possivel e será uma importantissima contribuição para a libertação dos prêsos politicos portugueses e o reingresso deles e dos exilados na vida civil do nosso país.

Vai longe o tempo em que o movimento de anistia não ultrapassava as fronteiras de Portugal, primeiro contando com as familias e os amigos dos prêsos politicos e logo depois com as camadas da população, de todas as classes, que rápidamente aderiram a esta generosa campanha. E vai-se já distanciando tambem, o tempo em que apenas na America do Sul a opinião pública internacional se solidarizava com a nossa luta.

Que significa isto?

Sem sombra de dúvida, que homens e mulheres de todo o mundo resolveram unir-se e unir-se-nos para que não continue havendo portugueses sofrendo nas prisões e no exilio pela única razão dos seus ideários democraticos. Mas não pode tambem haver lugar para dúvidas acerca do profundo sentido deste movimento humanitário, que é o da solene e indignada denúncia de todos os crimes da engrenagem policial e judiciária do Salazarismo.

Como seria possivel, com efeito, deixar publicamente de condenar, em todos os lugares do mundo, as prisões arbitrárias feitas pela PIDE — (“policia internacional e de defesa do Estado”) em todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal? as detenções durante 6 meses sem formulação de qualquer acusação concreta? a impossibilidade do contacto dos prêsos com a familia e advogados? os suplicios físicos (“estátua”, etc.) como instrumento de “confissão” e as longas semanas ou mesmo meses no “segredo”, em imundas e inhabitáveis celas de 1,80 metros de comprimento, sem ar e sem luz?

Como seria possível esperar que a opinião pública mundial se não pronunciasse, indignada, contra o funcionamento ininterrupto dos tribunais especiais (“plenário criminais”) na sua farça de julgamentos sem as mínimas garantias de defesa? contra juizes politicos e inescrupulosos nomeados livremente pelo ministro da Justiça? contra a condenação à prisão perpétua dos melhores patriotas portugueses, através da aplicação indiscriminada das “medidas de segurança”?

Como poderia deixar de provocar a mais viva repulsa, onde quer que noticias dessas tenham chegado não obstante a férrea ação da censura salazarista, o conhecimento de assassínios praticados friamente, nas ruas, pela PIDE, como ainda há tão pouco tempo sucedeu o do escultor Dias Coelho?

Nós sabíamos que esta condenação dos crimes salazaristas era a única realidade com que viríamos a contar junto dos povos civilizados, democraticos e amantes da Paz.

Mas, mesmo assim, sentimo-nos profundamente emocionados com a solidariedade humana que transcorre da preparação, por tantas e tão ilustres personalidades, da 1.ª Conferencia Europeia em prol da anistia dos prêsos e exilados politicos portugueses.

Para o alargamento de tão nobre movimento junto das massas populares, dos parlamentares e dos governantes dos seus diversos países, os promotores da Conferencia poderão contar incondicionalmente com o apoio dos portugueses exilados e radicados no Brasil.

E não só com o apoio deles como com o seu imperecivel agradecimento, que outra coisa não é, conforme bem certificados nos encontramos, de que a antecipação do agradecimento de todos os patriotas portugueses encarcerados e exilados por tão promissora esperança de uma breve reintegração nos seus direitos de cidadania e nos da pessoa humana, hoje postergados em Portugal mas sempre inalienáveis e imprescritíveis.

São Paulo, 16 de Fevereiro de 1962.



Pela Anistia aos Presos Politicos de Portugal



Cartaz de Clovis Graciano para a Conferência da Anistia em Portugal.

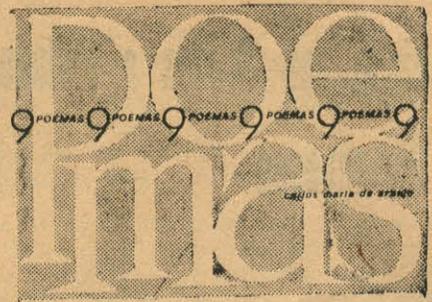
Não encontrareis, hoje, na capa deste Boletim, esta gravura, de Clovis Graciano, já familiar, porque ela vem acompanhando, desde o início o noticiário que, todos os meses, vos dá conta das atividades do Movimento para a Anistia aos presos e exilados políticos de Portugal.

Em seu lugar, está um desenho de José Dias Coelho. O desenho é: "Lirica". Seu autor, está junto de nós todos, e sua voz, escutada a cada instante, diz-nos estas duas palavras: Liberdade! Anistia!

É a voz de um patriota, que em fria manhã de dezembro, caiu ferido de morte pelas balas dessa estranha raça de homens que, no coração, traz gravada a fogo a palavra PIDE — santo e senha que identifica os sicários de Antonio de Oliveira Salazar.

Recordai o nome de José Dias Coelho, que deu a vida em defesa do Povo de Portugal. E, em sua memória, que cada um de nós faça tudo o que puder, para que os presos políticos de Portugal voltem, livres, ao convívio de seus irmãos.

O desenho "Lirica" vem publicado na revista SEARA NOVA, de Lisboa, janeiro 1962.



Está no prelo e deverá ser lançada muito brevemente, em São Paulo, a edição de um novo trabalho de Carlos Maria de Araujo: NOVE POEMAS (a voz liberta).

Com ilustrações do jovem mas já renomado artista Aca-cio Assumpção, esses poemas são uma edição da "Massao Ohno Editora" dentro da serie de realizações que deram a essa casa o Premio de Artes Graficas da VI Bienal de São Paulo, em 1961.

Dessa edição que é a original vai ser feita uma tiragem especial, com um numero reduzido de exemplares, todos numerados e fora do comercio, ilustrados com três desenhos, feitos especialmente para ela, por Clovis Graciano (que já anteriormente ilustrara "E no dia da vossa ira" (1958) e o "Oficio de Trevas" (1960), ambos do mesmo autor) e que o renomado brasileiro, juntamente com o poeta, destinaram como contribuição particular para a realização da Conferência da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Politicos de Portugal, a inaugurar, num futuro proximo, em Paris.

É de salientar que Clovis Graciano tem seu nome ligado, como o de Portinari e outros, artistas brasileiros, ao longo de toda a carreira à luta pela Liberdade. É de sua autoria o desenho de um cartaz para essa mesma Conferencia, desde o primeiro numero, na capa do Boletim da Delegação dos portugueses exilados no Brasil, em separata do jornal PORTUGAL DEMOCRATICO, e figurando na primeira pagina da edição deste mês de março.

Foi também um desenho de Clovis Graciano que figurou no cartaz da Primeira Conferencia Sul-Americana Pro-Anistia aos Presos e Exilados Politicos da Espanha e Portugal, realizada em São Paulo em 1960, início do grandioso movimento de solidariedade humana que é, afinal, o Movimento pela Anistia, hoje em escala mundial e ganhando um impeto dia a dia maior.

Quanto ao novo trabalho de Carlos Maria de Araujo, transcreveremos a apresentação de "NOVE POEMAS", feita pelo cronista e critico de teatro Delmiro Gonçalves, um dos nomes mais expressivos da moderna intelectualidade de São Paulo e do Brasil:

*"O silêncio de pedra construída
por mãos de homem
e um pranto de renuncia consentida"*

diz o poeta Carlos Maria de Araujo.

E' esse silêncio de pedra, essa angustia do homem em face das coisas, das injustiças, dos crimes contra a Liberdade que sopra como um vento de fogo pelos poemas deste seu novo livro.

O poeta está presente em todos os seus versos e, por isso, têm eles a força acusatoria que sempre e somente se encontra naqueles cuja poesia é uma arma de combate contra a tirania.

Há uma ansia de participação nestes seus nove poemas, um entregar-se total e abertamente, que se traduz muitas vezes em desespero pela impossibilidade de estar nas primeiras fileiras:

*"e estes ferros
nos pés
e estes ferros."*

Mas não é desânimo, desconsolo, que o faz traduzir em poesia o seu protesto. Apesar de tudo:

*"a fé muita e muita
a vossa lembrança"*

não o deixará abater-se, descansar, enquanto houver um grito de revolta, de protesto que ele possa lançar para correr em auxílio dos irmãos que, no fundo dos carcereiros, nas noites de insônia, nos dias de luta, trabalham, como ele, para a conquista de dias melhores e mais claros para o Homem.

Não foi em vão, portanto, que ele escolheu para epigrafe deste seu último livro os versos do poeta francês Aragon na "Ballade de celui qui chanta dans les supplices".

*"Et si c'était à refaire
Referait-il ce chemin
La voix qui monte des fers
Dit Je le ferai demain"*

DELMIRO GONÇALVES

PORTUGAL DEMOCRATICO SEPARATA DE MARÇO, 1962, INICIATIVA DO "CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS", DO "COMITÉ DOS INTELLECTUAIS PRÓ LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM PORTUGAL" E DESTA JORNAL.

